

VIDA RELIGIOSA

A radicalidade batismal (Const. n ° 9)

Pode ser que algumas de nós nos surpreendamos com esta proposta de iniciar este caminho de reflexão e oração mensal em preparação a celebração dos 60 anos de fundação da nossa congregação, com o tema do batismo. A vida religiosa, na história, foi apresentada como uma categoria superior entre os cristãos. Engano! A vida religiosa não é outra coisa que viver a radicalidade batismal, *" dando testemunho diante dos homens da vida nova trazida por Cristo"* (Const. 09). Neste pequeno texto pretendemos aprofundar a vida nova em Cristo que somos chamadas a viver a partir de nosso batismo, para que nossa vida religiosa murialdina possa ser *uma "ícone transparente e fascinante"* do amor de Deus no mundo.

Através da encarnação, Cristo nos incorporou a si mesmo, até converter-nos em seu próprio Corpo místico, fazendo-nos participantes do seu Espírito e de sua filiação divina. Pelo batismo Deus nos torna filhas no Filho, participantes da sua vida divina em Cristo, por meio do Espírito Santo, introduzindo-nos no mesmo âmbito da Trindade. Quando falamos do nascimento, morte e ressurreição de Cristo, falamos de acontecimentos que ocorreram em nós e por nós no momento do nosso batismo, sacramento que nos mergulha na potência salvadora da morte e ressurreição do Senhor. Aqui, nosso "velho homem" está morto e nasceu de novo (Ef 4, 22-24), escondido com Cristo em Deus (Cl 3,3).

A nova vida que é comunicada no batismo é então a vida de Cristo, ressuscitado, a vida da ressurreição. Toda a nossa vida a partir deste momento não é outra coisa que o longo processo de gestação e nascimento para que este "novo homem" que nasceu em nós das águas batismais absorva o nosso "homem" de carne. A vocação específica que cada cristão assume como resposta à iniciativa do amor de Deus que chama e consagra - no nosso caso, a vida religiosa - é a maneira em que este processo atua para a santidade.

Portanto, tudo nasce do batismo, que é o ato central da vida cristã. Nos recorda Pe. Luis Casaril: *"Se em força de um só Batismo, cada cristão é chamado à santidade, quanto mais tem que ser aquela de alma consagrada!"* (LC/42) Ele acrescenta: *" O Santo Batismo é o fundamento indispensável da vida espiritual"* (LC / 20), e a *"vocação religiosa é a maior graça que Deus nos dá após o batismo"* (LC/06) .

Madre Ellena insiste na importância da vida de oração e da prática litúrgica e sacramental para que o nosso testemunho de vida cristã e religiosa seja coerente: *"A liturgia vivida em toda a sua riqueza e levada para a prática de vida de cada dia se tornará "escola" de vida religiosa e nos ajudará a transformar em louvor não apenas os momentos serenos do dia, mas toda a nossa vida; nos ajudará a buscar continuamente o Senhor e nos facilitará o encontro com as irmãs procurando juntas construir a paz e a edificação mútua"* (ME / n ° 60), e acrescenta: *" ... no silêncio e recolhimento, com serenidade, rever a própria posição diante de Deus e da congregação e preparar-se com renovado vigor o próprio plano de vida e ação para uma maior consciência e autêntico testemunho de vida religiosa"* (ME / n ° 54).

Programar a vida, fazer da nossa existência um belo projeto é uma coisa. Orientar a nossa vida sobre os grandes valores altruísticos da solidariedade, da paz, do bem, é outra coisa, todavia, que pode ser também bela e significativa, mas não é a vocação. Porque a vocação é favorecer precisamente esse despertar do amor dentro de nós, ouvir esta voz que chama da velha vida, renascida, e responder aderindo, de modo que, mais globalmente, mais integralmente, consigamos envolver tudo o que somos nesta nova vida.

Na Carta Apostólica *Oriental Lumen*, João Paulo II, lembra como na Igreja do Oriente, o monaquismo teve um papel significativo para ensinar a todos os cristãos a beleza de uma nova vida iniciada com o Batismo: *"O monaquismo tem sido visto apenas como condição separada no Oriente, própria de uma categoria de cristãos, senão particularmente como ponto de referência para todos*

os batizados, na medida dos dons oferecidos por Deus a cada um, entendendo como uma síntese simbólica do Cristianismo. "(João Paulo II. Carta Apostólica "*Oriente Lumen*", 1995). Ver o monge, na Igreja oriental, é já saborear a novidade absoluta da vida cristã. Poderíamos dizer que ver a um(a) religioso(a), significa para cada batizado compreender de modo intuitivo e sapencial, sem muitas explicações, como é feita a vida dos discípulos de Cristo, uma ícone transparente e fascinante do batismo, uma nova criação.

A espiritualidade da vida religiosa é simplesmente radicalização escatológica das promessas batismais, e, portanto, algo de modelo para todos os cristãos. Na tradição oriental, o religioso tem caráter de exemplaridade, porém faz-nos falta entender bem tal exemplaridade. É exemplar, não porque seja mais admirável que qualquer estado de vida cristã, mas porque na sua existência podem surgir de forma mais clara, mais diretamente, o que é o sentido da vida cristã em si. É isso que explica porque a toda Igreja reconheceu na vida religiosa, não uma opção entre muitas, não uma vocação especial, diferente da *kosmikós*, de cada um que vive no mundo, mas um pólo permanente e uma encarnação de própria vida cristã.

Então, o religioso é chamado a dizer com sua vida de modo mais claro que a chamada batismal é de todos, e com isso especifica e atualiza algo próprio: é uma ícone da vida em Cristo, um símbolo vivente da nova vida, nascida do Espírito, Jo 3, 5. Neste sentido, a vida religiosa tem principalmente a função de "símbolo" como aquele da vida dos antigos profetas, especialmente Oséias, que com sua eleição de vida torna-se ícone do amor apaixonado e gratuito de Deus pelo seu povo. Talvez está justo aqui o primeiro serviço no evangelho que nós, religiosos, podemos desenvolver na Igreja, para o bem da humanidade inteira. Nossa vocação é, acima de tudo essa missão.

O batismo entrega ao crente a Páscoa de Cristo, a sua ação divina e divinizante, submerge-o na morte e ressurreição de Cristo, da qual emana uma energia de vida extraordinária. É a vida da ressurreição. Portanto, ser religioso significa mostrar a vida resgatada, a vida da ressurreição. Recordamos os rostos de muitas religiosas que com dedicação e gratuidade total inclinam-se sobre os milhares sofrimentos das pessoas. Encontrá-los é já sentir renascer a esperança, perceber a vida da ressurreição, é alertar o fascínio do mistério do amor de Deus.

Após o batismo, a vida nova que é doada em embrião é nutrida pela comunhão com a morte e ressurreição de Cristo, através dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência, da escuta orante da Palavra, que faz passar ao coração seus pensamentos e sentimentos, de uma vida modelada em Cristo. Só então nossa vida pode converter-se em sinal, em símbolo que atrai a Ele e, notando a diferença cristã, evidência de toda a beleza. Porque é do amor exclusivo a Deus que parte a visibilidade daquela vida nova dada no batismo que os religiosos são chamados a testemunhar.

Madre Maria Ellena nos lembra: "*Viver em Cristo é deixar que Ele viva em nós. Este deve ser o nosso programa para que não fracasse a nossa vocação, que é presente de Deus, e para poder preparar um espaço caloroso de afeto, denso de serenidade e alegria para aquelas almas que Deus tem predestinado.*" (ME / n ° 60). O religioso é uma pessoa conquistada por Deus, que sabe que Deus derramou seu amor e responde a este amor em sua pobreza, como pode e sabe, amando. O religioso é alguém apaixonado pelo Mistério que já foi feito nele: o Mistério da criação e da recriação no sacramento do renascimento batismal, que será plenamente revelado no momento do encontro com Deus.

Textos para a oração:

Jo 3, 1-21, Ef 4, 17-24; Col 3,1-17

Cartas de P. Casaril: LC/06; LC/20; LC/42

Cartas da Mãe Maria Ellena: n ° 54, 60

